

**Preto no Branco:
Fotodocumentário sobre a autoafirmação negra a partir do cabelo crespo¹**

Gracielle de Jesus SOARES²
Gilson Moraes da COSTA³

Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia, Barra do
Garças (MT)

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma série fotográfica que faz parte do trabalho de conclusão de curso da aluna líder e retrata a autoafirmação negra a partir do cabelo crespo. Nele são discutidas questões de identidade e autoafirmação. Oito personagens são retratados nas fotografias que buscam evidenciar o cabelo crespo, que, visto socialmente como um estigma negativo, são transformados em símbolo de orgulho e afirmação racial. Ao longo do texto se discorre sobre o papel desempenhado pelo cabelo e demais características negras, na construção da identidade e a importância destes, na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro. O foto ensaio possui 10 fotos que levam o leitor a refletir sobre o negro na sociedade, e como o cabelo dele, muitas vezes denominado como “ruim”, “carapinha”, “duro”, ou “Bombрил” pode ser transformado em símbolo de orgulho, vaidade e autoestima. Trata-se portanto de um convite visual, à uma viagem onde se é possível refletir sobre identidade, beleza e autoafirmação.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia artística; Identidade Negra; Autoafirmação

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria: Ensaio Fotográfico Artístico, modalidade: Produção Transdisciplinar.

² Aluna-líder e recém-graduada do Curso Comunicação Social – Hab. em Jornalismo, e-mail: gracisoares92@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Hab. em Jornalismo, Campus Universitário do Araguaia, e-mail: gilsoncosta@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este texto é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que teve como desafio a produção de um fotodocumentário etnográfico sobre a autoafirmação⁴ negra a partir de uma característica fenotípica determinante: o cabelo crespo. A escolha desta temática teve como um de seus principais incentivos a experiência pessoal da autora.

A relevância da reflexão acerca desta temática, é considerada, tendo em vista que em nosso país, após um longo período de estigma social, temos visto o crescente fenômeno da valorização da estética negra, sendo possível verificar, entre outros importantes fatores, uma maior aceitação do cabelo crespo, que antes era “aprisionado” em procedimentos de alisamentos para se aproximar do “padrão europeu”.

Sendo assim, esse estudo busca desenvolver uma reflexão baseada no seguinte questionamento: como o cabelo crespo, visto socialmente como um estigma negativo, pode ser transformado em símbolo de orgulho e afirmação racial? Pretendendo com isso, discutir o comportamento de negros autoafirmados, na figura dos personagens selecionados para este trabalho, elucidando sua imagem e principalmente como seus cabelos interferem na construção de sua identidade.

Segundo Tavares (2009) a discussão acerca da consideração ou não da fotografia como arte deu origem a dois grandes grupos principais: The Linked Ring, que tinha à frente Robinson e George Davison, e o Photo-Scession, sob a liderança de Alfred Stieglitz. Os dois grupos almejavam o reconhecimento da fotografia como uma das belas artes, foram bem sucedidos em salientar os altos méritos estéticos da fotografia.

Enquanto Eastman tentava difundir a fotografia através da sua marca pelo mundo com a introdução de câmeras tipo caixão e de rolo substituível. As correntes artísticas que corriam pelo universo da pintura, como o modernismo e expressionismo, também interferiam na fotografia, o cubismo de Picasso e o neoplasticismo de Mondrian foram as “técnicas” que mais influenciaram os caminhos da fotografia artística. A fotografia artística das primeiras décadas do século passado é marcada pela inserção no campo do documentário social.

O francês Henri Cartier-Bresson também contribuiu para a evolução da arte fotográfica. Ele foi o criador da expressão: fotografia de autor, modalidade pela qual, o

⁴ Entende-se aqui a autoafirmação como um processo em que o indivíduo tendo plena consciência de sua bagagem cultural e social reconhece uma ou outra raça como sendo à sua marca identitária.

interesse recaia no humano e seu cotidiano, nas circunstâncias da vida. Cartier traz a prova de que o resultado da fotografia como arte, não se obtinha a partir do equipamento utilizado, mas sim no olhar fotográfico, que se caracteriza pela análise da composição da cena, luz, distância focal, foco e velocidade. Tudo isso precisa estar harmoniosamente ligado e o fotógrafo precisa reconhecer o momento exato do clique.

Luís Marques Tavares (2009), ressalta, que, assim como a fotografia sofreu influência da pintura, a recíproca foi verdadeira. “Foi a fotografia que libertou a pintura da necessidade de replicar a realidade tal qual ela se apresenta. Aos impressionistas, já não era tão importante o retrato fiel da realidade, mas perceber o quadro como obra em si mesma.”

Portanto, a fotografia deixou de ser apenas mais um meio de comunicação, ou de exposição da realidade, e passou a ser também enquanto momento único, o congelamento da situação e, sobretudo, a sensação fotografada.

Tendo em vista que a fotografia permite que qualquer um seja o artista, nunca foi tão fácil fotografar, máquinas fotográficas digitais e celulares com câmeras estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia.

A única diferença entre fotografia artística e pintura contemporânea (sem levar em consideração as ferramentas e técnicas), é apenas a velocidade de captura. Ou seja, tanto na pintura quanto na fotografia artística, elementos como, temática, composição, mensagem e emoções são de extrema importância para o resultado da obra.

A fotografia jornalística, assim como o jornalismo, anseia pelo aguçamento, o inusitado e o diferente. Buitoni (2007) procura responder esse mesmo questionamento. Para essa autora, a maioria dos estudiosos aponta a “[...] natureza indicial da fotografia como um elemento fundante de seus usos e aplicações. O vínculo entre o referente e a foto é a pedra de toque que justifica a credibilidade e a veracidade dessa reprodução técnica”. (BUITONI, 2007:104).

OBJETIVO

O objetivo geral deste trabalho é responder através da sensibilidade de um foto documental, como o cabelo crespo visto socialmente como um estigma negativo, é transformado em símbolo de orgulho e afirmação racial. Isso é possível porque, primeiramente o negro, e aí entra a mulher negra em especial, têm passado por um fenômeno de transformação de pensamento e paralelamente, aceitação pessoal. Pretende-se mostrar essa mudança, com personagens negros, comuns para a sociedade e que usam o cabelo crespo para reafirmar esse “ser negro”.

JUSTIFICATIVA

Orton (1994), assume que toda arte visual deve ser entendida como figurada e nos fala que o discurso que ratifica e valida a arte pós-moderna é auto conscientemente figurada para nos afetar como alegoria. Não há representação, nem arte visual ou verbal sem traço de alegoria.

Levando em consideração essa última asserção, temos uma teoria alegórica da fotografia no contexto das artes visuais, pois através desta os artistas compõem, selecionam um enquadramento, apropriando-se do real. Nesta apropriação, o artista dá ao real um significado mais profundo.

É com esse propósito que se considera aqui, a fotografia por vezes, artística como apropriação do real por parte do artista para que ele reproduza da maneira que desejar, levando em consideração toda sua carga de emoções e percepções. Neste trabalho, que aborda a autoafirmação negra sob o olhar da fotografia artística documental, ou “fotografia de autor”, é possível perceber que autora e objeto se misturam no processo da construção de suas identidades a partir do cabelo.

Isso se justifica porque a relevância do tema só passou a ser percebida pela autora, depois de uma análise da mudança no comportamento do negro na atual sociedade em relação à sua aparência e sua própria identidade, que se materializou, na tomada de consciência e descoberta de si mesma. Como afirma Manoel Carneiro da Cunha (1985): “É pela tomada de consciência das diferenças e não pelas diferenças em si que se constrói a identidade”.

Do ponto de vista social, o trabalho ganha importância à partir dos personagens envolvidos e suas ações de combate ao preconceito e ao estigma social envolvendo, principalmente, a estética do cabelo crespo, que para muitos ainda é mantido como símbolo de resistência histórica perante uma cultura que foi imposta pelo opressor branco. O trabalho propõe ao leitor, através de recursos visuais e textuais, um convite à reflexão sobre a população negra e sua insistente luta por dignidade e direitos iguais.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para o presente trabalho, foram entrevistados oito personagens, sendo quatro mulheres e quatro homens, com idades entre 20 e 45 anos. Todos negros, e autofirmados. Alguns já tinham essa convicção desde sempre, outros viviam atrás das barreiras impostas pela sociedade e outros ainda, não se aceitavam como negros e só depois de um longo processo de busca de identidade passaram a se afirmar.

Todas as pessoas entrevistadas reconhecem no cabelo uma referência estética e motivo de orgulho e aceitação de sua raça. A maioria deles demonstra um forte discurso político e cultural a respeito de seus cabelos.

Tendo em vista essa discussão acerca de identidade e autoafirmação e levando em consideração toda essa subjetividade que circunda a temática da aceitação, propomos como já foi dito, à elaboração de um ensaio fotográfico, sendo uma forma de pôr no foco das lentes a beleza do negro representada nos cabelos.

A fotografia funciona nesse caso como uma possibilidade de descrição dos personagens. É uma forma de representação e uma escolha feita pela autora. Segundo Roland Barthes (1984), a fotografia repete mecanicamente o que nunca mais poderá se repetir existencialmente. Nesse sentido, quando uma fotografia tirada é escolhida, apreciada e avaliada, para ser reunida em um álbum ou revista, significa que ela passou pelo filtro da cultura.

Barthes ainda afirma que, a fotografia sempre traz consigo o ser referente, sendo os dois atingidos pela imobilidade no amago do mundo em movimento. Assim como esse pensamento de Barthes, a nossa vivência com esse trabalho de fotografia, se dá na relação de quem olha, para com quem é olhado.

Sob o viés conceitual, a fotografia é tradicionalmente apresentada como veículo de natureza histórica, já que a mesma, através da sensibilidade luminosa de um processo fotoquímico ou digital, tem a capacidade de registrar o contexto social de uma comunidade, de uma sociedade ou de uma nação, em um certo período de tempo. É de natureza técnica ao mesmo tempo em que se consolida como um fazer artístico que reivindica uma representação concreta do real.

Buscamos através da imagem estática, construir uma narrativa que transite entre uma estética documental e a estética do ensaio fotográfico. Já que os elementos que compõe a linguagem fotográfica ganham singularidades própria a partir do trabalho que buscamos

fazer com a composição, o enquadramento, e ainda o trabalho com a luz, dando materialidade ao conceito de "imagem narrativa", desenvolvido por Everaldo Rocha (2004). Essa imagem narrativa na fotografia, busca “imprimir uma dimensão de temporalidade à imagem fotográfica, bem como aquela que lhe é obviamente inerente, ou seja, busca fazer da imagem fotográfica, além de testemunho, narrativa” (ROCHA, 2004:33)

Tomamos como exemplo a foto a seguir, da personagem R.M *47 anos*. A fotografia foi feita em 13/02/2014, e demonstra exatamente aquilo que acabamos de explicar sobre narrativa fotográfica. A sua composição, apesar de simples (não há um cenário pré montado ou preparado, muito menos um trabalho com rebatedor ou iluminação artificial) mas o resultado se tornou tão emocionante quanto documental.

O enquadramento revela detalhes da residência da personagem, sua planta, mesmo que desfocada, aparece no canto, as colunas da garagem alinhadas com a sua testa formam o equilíbrio da imagem, a vegetação da Serra em terceiro plano, revela o bairro em que a personagem mora.

E ainda o trabalho com a luz, a claridade de um dia bastante ensolarado revela a sensibilidade e o contato com a luz, que teve que ser redobrado para não estourar a fotografia bem na hora decisiva. Dando materialidade ao conceito de "imagem narrativa", está o rodopio. Este como a magia, faz o cabelo livre, voar, se espalhar e encontrar todos os lados e focos da câmera, juntamente com o sorriso estático, de felicidade da personagem.



Para obter esse efeito, configurou-se a câmera no modo manual, com uma abertura de diafragma⁵ de f:3.5 e uma exposição considerada rápida de 1/320s, isso significa houve muita entrada de luz, e para compensar essa entrada não deixando que a foto ficasse superexposta, aumentou-se a velocidade do obturador⁶. Causando esse efeito de paralisação da ação.

Já na foto de W.L., aconteceu o contrário. O dia estava nublado e estava mais escuro, então como era pouca a entrada de luz, f/9, para compensar diminuiu-se a velocidade do obturador para 2s. Com uma longa exposição do objeto fotografado, causou-se um efeito borrado, que varia de acordo com o movimento que esse objeto faz. Nesse caso, é recomendado o uso de um tripé para que não haja borrões na imagem.

⁵ Diafragma é uma espécie de cortina que permite a passagem e controla a quantidade de luz que entra na máquina fotográfica. Essa quantidade de luz é medida através do números “f” que significa fração, ou abertura de lente.

⁶ O obturador é uma janela que controla o tempo de exposição do sensor à luz. Assim quanto mais tempo essa janela fica aberta, mais luz incidirá sob o sensor.



Esses dois procedimentos técnicos também foram de fundamental importância para a construção da identidade e personalidade dos personagens. A personagem R.M, retratada com a velocidade mais alta e o sorriso firme, tem uma personalidade ativa e faz muita coisa ao mesmo tempo, sorrindo o tempo todo. Já Wirlei é calmo, gosta mais de observar do que de agir, e como ele próprio denominou, “gosta de brisar” que para ele significa curtir o momento. O efeito lento de longa exposição dá esse efeito. Observa-se que pequenos detalhes como esses, enriquecem o trabalho o tornando repleto de detalhes particulares. Essa técnica de unir a linguagem da imagem e a personalidade da pessoa, foi aplicada em praticamente todos os personagens.

Para fazer essa abordagem fotográfica documental sobre a autoafirmação negra a partir do cabelo crespo, buscamos revelar em cada fotografia uma intensidade que deve dar condição para cada imagem ser uma representação do universo retratado, ao mesmo passo em que consiga compor junto com as outras imagens uma narrativa homogênea.

Partindo da premissa de Barthes, imaginamos que com esse modelo conseguiríamos alcançar o nosso objetivo que é responder, através do recurso fotográfico associado às crônicas escritas por esta autora, como o cabelo crespo visto socialmente como um estigma negativo, é transformado em símbolo de orgulho e afirmação racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi muito interessante, ao construir este ensaio fotográfico artístico, ter a sensação de adentrar em uma casa, conhecer a intimidade de pessoas - que na maioria não eram conhecidas - para resgatar histórias e impressões pessoais sobre sua própria identidade. Concluímos portanto, que o processo conflituoso de o negro se assumir negro, e usar seus cabelo como “afrota” ao padrão de beleza imposto, se trata de uma construção social, vivida e aprendida primeiro na família, e nos grupos de relacionamentos, escola e trabalho.

Por fim, a experiência demonstrou que o cabelo é, sem dúvida, um marcante indicio de procedência étnica, é um dos principais elementos biotipológicos na construção da pessoa na cultura. O negro quando assume o seu cabelo crespo, assume também o seu papel na sociedade como uma pessoa negra e, sabemos que ser afrodescendente no Brasil e no mundo, convenhamos, é ainda um duro caminho trilhado por milhares de pessoas. Neste sentido, assumir os cabelos como distintivos raciais/étnicos é uma atitude que acompanha os processos de conquista do direito cultural e do direito à cidadania.

Os cabelos coroam cabeças e emolduram rostos, identificando pessoas nas suas lidas cotidianas, construindo personagens para as festas ou para os rituais religiosos, integrando e construindo imagens que identificam e intensificam papéis sociais de homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: Psicologia social do racismo-estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / IrayCarone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

CASTANHEIRAS, Rafael. **Fotografia: documento e expressão**. Trabalho apresentado no XV Congresso de Ciências da Comunicação na

GIDAL, Tim N. **Modern photojournalism: origin and evolution, 1910-1933**. Nova York: Collier Books, 1973.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. São Paulo: USP, 2002.

LOMBARDI, Katia Hallak. **Documentário imaginário: Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. Belo Horizonte: s.n, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Comunicação da UFMG, 2007.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo uma introdução à história, às técnicas e a linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002.

ORTON, Fred. **Figuring Jaspers Johns**. London: Reaktion Books, 1994

TAVARES, Antônio Luís Marques – **A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea**. Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia.